



*dossier variações em tom menor
em redor da infância, psicologia e educação*

o “chão da escola”:

o devir-chão como imanência das infâncias

autor

guilherme rodrigues de oliveira

universidade estadual paulista,
departamento de educação, rio claro, são
paulo, brasil

e-mail: gr.oliveira@unesp.br

<https://orcid.org/0000-0003-4827-293X>

editores

césar donizetti leite

<http://orcid.org/0000-0001-8889-750X>

luciano bedin costa

<https://orcid.org/0000-0002-6350-264>

fernanda omelczuk walter

<http://orcid.org/0000-0002-8617-8971>

rodrigo lages e silva

<https://orcid.org/0000-0002-6948-2824>

tiago almeida

<https://orcid.org/0000-0002-3557-0623>

doi: 10.12957/childphilo.2026.95455



resumo

Como professor de educação infantil da rede pública de ensino, venho me questionando sobre a prática de nomear o trabalho realizado por professoras e professores da educação infantil como “chão da escola”. Este termo pode nos levar para diversos caminhos de pensamento, pois o “chão” pode nos enunciar um espaço onde pisamos, onde o corpo encontra o solo, onde as brincadeiras e os brincarões são potencializados por esses corpos, mas também pode nos remeter a enunciação de um espaço filosófico e conceitual, onde as infâncias vivem suas experiências, onde os conceitos se transformam em vivências um dos locais de existência para que essas infâncias se formem enquanto potência. O chão é um lugar de pertencimento para aquelas e aqueles que ainda não se comportam com a adultez exigida pela sociedade capitalista e, ainda mais, é o território habitado por aquelas e aqueles que consideramos infantes. Tentaremos distinguir, neste trabalho, quem são aqueles e aquelas que ocupam essas duas percepções que temos sobre “o chão da escola”. Partindo de autores da filosofia da diferença como Deleuze, Guattari e Foucault e trazendo os escritos sobre as infâncias de Leite e Kohan, discutiremos sobre as possibilidades desse “chão” através de agenciamentos, potências e afetos que se constituem neste espaço.

palavras-chave: educação infantil; infância; devir; imanência; chão.

the “school floor”:

becoming-floor as the immanence of
childhoods

abstract

As an early childhood education teacher in the public school system, I have been reflecting on the practice of referring to the work carried out by early childhood educators as the “school floor.” This term can lead us down various lines of thought, since the “floor” can refer to a space where we walk, where the body meets the ground, where play and games are brought to life by

these bodies, but it can also refer to a philosophical and conceptual space where children live out their experiences, where concepts are transformed into lived experiences—one of the places of existence where these children develop their potential. The ground is a place of belonging for those who do not yet conform to the adulthood demanded by capitalist society; moreover, it is the territory inhabited by those we consider children. In this paper, we will attempt to distinguish who occupies these two perceptions we define of “the schoolyard.” Drawing on authors in the philosophy of difference such as Deleuze, Guattari, and Foucault, and incorporating the writings on childhood by Leite and Kohan, we will discuss the possibilities of this “school floor” through the assemblages, potentials, and affections that are constituted within this space.

keywords: early childhood education; childhood; becoming; immanence; ground.

el “suelo de la escuela”:

el devenir-suelo como immanencia de la
infancia

resumen

Como profesor de educación infantil en la red de enseñanza pública, me he estado planteando la práctica de denominar «el suelo de la escuela» al trabajo que realizan las profesoras y los profesores de educación infantil. Este término puede llevarnos por diversos caminos de reflexión, ya que el «suelo» puede remitirnos a un espacio donde pisamos, donde el cuerpo entra en contacto con el suelo, donde los juegos y las actividades lúdicas se potencian gracias a esos cuerpos, pero también puede remitirnos a la descripción de un espacio filosófico y conceptual, donde los niños y niñas viven sus experiencias, donde los conceptos se transforman en vivencias, uno de los lugares de existencia para que estos pequeños se formen como potenciales seres... El suelo es un lugar de pertenencia para aquellas y aquellos que aún no se comportan con la madurez exigida por la sociedad capitalista y, más aún, es el

territorio habitado por aquellas y aquellos a quienes consideramos niños. Intentaremos distinguir, en este trabajo, quiénes son aquellas y aquellos que ocupan estas dos percepciones que tenemos sobre «el suelo de la escuela». Partiendo de autores de la filosofía de la diferencia como Deleuze, Guattari y Foucault, y recurriendo a los escritos sobre la infancia de Leite y Kohan, analizaremos las posibilidades de este «suelo» a través de las agencias, las potencias y los afectos que se constituyen en este espacio.

palabras clave: educación infantil; infancia; devenir; inmanencia; suelo.

o “chão da escola”: o devir-chão como imanência das infâncias

chão 1

Durante a semana de estudos do curso de Pedagogia da Unesp, campus Rio Claro, com a temática “O chão da escola”, fui convidado para fazer uma fala enquanto professor de educação infantil. Esse momento aconteceu em outubro de 2025. Durante a minha fala percebi que meu olhar para o “chão da escola” estava carregado de críticas e problemas, principalmente no que tange a ideia de um processo de massificação da educação infantil. Pensar em um processo massificante é abranger as violências que nós, professoras e professores, encontramos em nossa árdua jornada de trabalhar em escolas, creches e pré-escolas, em todos os ciclos, desde a educação infantil até o nível universitário. Este trabalho irá se voltar exclusivamente ao chão das creches e pré-escolas, que é onde as infâncias se potencializam e não se permitem serem massificadas.

Após esse encontro com estudantes da graduação questionei esse meu olhar e surgiu a possibilidade de pensar, e executar, a escrita deste texto, pois ela irá retratar uma das diversas realidades da educação infantil, construindo um cenário que nos possibilite pensar um dos movimentos que acontecem dentro dos espaços educativos.

Tentaremos, com este trabalho, vislumbrar o chão da escola como um espaço de potência, um espaço ocupado pelas infâncias e reorganizado por elas, visto que a educação não é voltada para elas, mas sim dotada de um adultocentrismo que tenta impossibilitar a manifestação dessas infâncias.

Nesse sentido, pensar em perspectivas outras de realidade se faz necessário para permearmos as diversas nuances que compõem a educação infantil e toda a sua gama de conexões que se tornam possíveis nos encontros e nos agenciamentos que são produzidos no cotidiano escolar e no encontro de corpos com o “chão da escola”.

O chão. Substantivo masculino. A superfície do solo que pisamos. Solo. O chão é a superfície que a sola dos nossos pés toca. Um adulto como eu, de 1,81m, está distante desse chão, mesmo que meus pés estejam em contato com ele por todo o tempo em que estou como professor na escola de educação infantil. O toque

dos meus pés com o solo pode produzir uma imensidão de sentidos, porém gostaria de me atentar aqui na maneira que esse acontecimento gera uma ideia de conexão do meu eu com a realidade que compõe o espaço que engloba todo esse chão. O trabalho docente, do qual ocupo cargo, é a minha realidade e o chão da creche e da pré-escola é o espaço do qual me ocupo para me conectar e agenciar com crianças e com infâncias e com educação e com potências e com tempos e com brincadeiras e com... e com.... e com tantas coisas, que mesmo um vocabulário vasto não dá conta de todas as conexões que se apresentam no cotidiano do trabalho docente.

Pensar o chão como uma realidade me remete àquela ideia apresentada por Jacques Rancière (2005), quando ele retrata ideias sobre política e estética em *A partilha do Sensível: estética e política*, em que a realidade não é algo fixo, mas sim um campo de disputa e interpretação, onde a política e a estética se entrelaçam. Essa perspectiva me leva a pensar que o chão da escola, por mais sólido que seja em sua forma física, abre uma gama de possibilidades de pensares quando ocupado por crianças e pelas infâncias. Atravessar a perspectiva da rigidez do chão e abrir caminhos para que as crianças manipulem aquilo que entendemos com o chão tem uma caracterização política que vai além do pensar educacional, proporcionando uma quebra de sentido e reorganizando esse chão à sua maneira.

Já Deleuze e Guattari (2011), nos ajudarão a pensar na realidade como um fluxo constante de multiplicidades e de devires, entendendo esse chão como um conceito móvel, que se conecta com a realidade daqueles que o ocupam, uma imanência que nos possibilita infinitudes, nos afastando das bordas e auxiliando na composição de um devir-chão que se constituirá como fissura a uma lógica adulta de pensar, e executar, a educação.

Por fim, trago um pouco da perspectiva de Foucault (2012) sobre a realidade, onde não há uma verdade objetiva e universal, mas sim uma construção social e histórica. Esse chão social é histórico, é representado pela história que o carrega, por todos os pés, e outros membros, que já o compuseram.

Portanto, pensar que a realidade do professor de educação infantil é unicamente o chão da creche, nos leva a fixar o papel dessa professora e desse professor a um único conceito, um único movimento que impossibilita a

construção de possibilidades nas nuances desses prédios, parques, corredores, banheiros. Os pensadores citados anteriormente, nos permitem experimentar múltiplos olhares para as vivências que acontecem na educação infantil, nos auxiliando a compor multiplicidades de “chãos” na educação infantil.

O ofício de “professorar” nos distancia do chão, pois assumimos um posto hierárquico dentro da “sala de aula” que não nos cabe, pois este é um território habitado pelas crianças, por outros seres e não por adultos condenados a sermos aquilo que nossas profissões dizem que devemos ser.

O ser professor é um marcador de distância entre o eu e o chão. Este marcador é carregado das certezas que a vida adulta nos imprime e se constitui das conexões e do embrutecimento (Rancière, 2011) pelo qual experienciamos ao longo da nossa jornada de vida, afastando-nos do lugar que chamamos de chão, dificultando conexões com as superfícies carregadas de histórias e memórias.

Temos um contato na superfície do chão, sem adentrar nas suas rachaduras, sem encontrar com os musgos, sem reproduzir movimentos outros que nos possibilitam pensar, assim como Manoel de Barros (2022, p. 33) nos traz “o chão reproduz do mar; o chão reproduz para o mar; o chão reproduz com o mar”. O chão é essa infinitude de acontecimentos. O chão pode ser mar, pode ser lava, pode ser cama, pode ser nuvem, tudo vai partir de como as crianças e as infâncias se permitem imaginar-se nesse ambiente. São as histórias e as brincadeiras das crianças que se permitem ocupar este espaço. São elas e eles que fazem do chão o seu caminho, seu laboratório de experiências, sua fábrica de potências, sua (des)construção de devires. O chão é a imanência da infância, local produtor de conceitos que afrontam a lógica adulta de se pensar, fissurando com essa lógica e produzindo linhas de fuga que possibilitam novas descobertas, novas vivências e novas experiências. O chão é um território habitado pelos coletivos e pelos indivíduos, deslocando as possibilidades ali existentes. É no chão que as infâncias se esgotam em acontecimentos.

Pensar a linha de fuga é desterritorializar o conceito de lugar, é deslocar aquilo que está posto para um lugar outro, é produzir inventividades que se lança para o imprevisto. A linha de fuga é a força que produz novos agenciamentos e novos devires. Para Deleuze e Guattari (1997), não há nada mais ativo que a fuga!

Fugir não é o contrário de agir, é agir por outro lado, romper o *ritornello*... e forçar uma linha de fuga. Portanto, a linha de fuga é a forma como as crianças interagem com esse chão e rompem com as expectativas adultas na produção de conhecimento com seus corpos, com seus desejos e com as conexões que fazem a partir das experiências que lhes são proporcionadas.

As linhas de fuga se potencializam nas brincadeiras e nos encontros com as crianças.

Partindo dessas reflexões, penso o chão das seguintes maneiras: a) um lugar onde o adulto está afastado, distante; b) onde as infâncias se fazem existir. Discutiremos, ao longo deste trabalho, sobre as infinitas possibilidades que o chão nos produz pensar, principalmente quando observamos as potencialidades que se constroem no existir de crianças pequenas e bebês. Pensaremos sobre a imanência e o devir-chão, que nos possibilita questionar a forma como a educação infantil é vista pela sociedade.

chão 2

Como professor de educação infantil da rede pública de ensino, do município de Piracicaba, no interior de São Paulo, venho questionando sobre como a prática docente realizada por professoras e professores da educação infantil nos auxiliam a pensar sobre o “chão da escola”, tentando desvinculá-lo de um lugar cheio de rigidez e de violências, tornando-o um conceito que produz afetamentos a partir dos atravessamentos que os corpos que o tocam se permitem.

O termo “chão da escola” nos leva para um caminho de multiplicidades que nos possibilitam enxergar a educação infantil como um espaço que não pode ser estruturado e que se compõem dos diversos encontros que acontecem no cotidiano escolar. O “chão” pode nos enunciar um espaço de pisar, de conexão do corpo com o solo, de experimentação de sensações que podem constituir uma ideia de proximidade, de relação, de segurança. O toque das solas dos pés, dos sapatos, dos chinelos, das sandálias com o chão nos conecta fisicamente com o espaço que estamos adentrando.

Manoel de Barros (2022), em seu livro *Gramática expositiva do chão*, nos apresenta o homem de lata e muitas outras metáforas para exemplificar uma

concepção de chão que atravessa o autor. Figura do homem de lata é parte de uma gama de acontecimentos, desde árvores que surgem de seus orifícios até as lesmas que se “amuram” em seu corpo. Tenho pensado o chão como o homem de lata, que pode ser muitas coisas, partindo de um imaginário que se apresenta a partir daquele observador que o encontra. O chão, assim como o homem de lata, tem fonte inesgotável de atravessamentos e abre-se para a imensidão de acontecimentos, tudo advindo daquilo que o toca. Se a criança deita, ela abre uma imensidão de possibilidades, se ela está descalça, uma outra gama de possibilidades acontece, se ela engatinha, mais um tanto. O chão é produtor de rizomas, assim como o homem de lata que se afirma nas conexões que lhe acontecem.

É possível observarmos a potência do chão, visto que o chão não é um elemento passivo, mas um território de invenção, onde o insignificante ganha força criadora. Trazendo a afirmação de que “o nome empobrece a imagem”, Barros denuncia a tendência adulta de capturar o mundo por meio de classificações fixas. As crianças, ao contrário, operam por fabulação: o chão pode ser mar, céu, lama, casa.

Nessa toada, precisamos pensar que não é apenas a sola dos pés, calçados ou não, que tocam o chão e nos possibilitam criar/vivenciar conexões, mas quando pensamos no chão, estamos tratando, falando de outras partes do nosso corpo, que se conectam com esse “solo”. Joelhos, costas, troncos, cotovelos, ombros, palma das mãos... ao longo da nossa jornada escolar tocamos os diversos chãos com muitas partes, o que nos possibilita pensá-lo como um lugar de potências, de possibilidades, de construções e de atravessamentos das infâncias com o espaço. Um acúmulo de sensações que viabiliza o surgimento de diversos sentidos, afetos que se formam a partir dos encontros desses corpos, e desses membros corpóreos, com o chão.

Para Deleuze (2002), os encontros são a relação entre corpos que se combinam, o que aumenta a sua capacidade de agir e criar. Pensando no chão da escola como uma possibilidade de encontros entre as crianças com suas infâncias, produzimos infinitas possibilidades de sentidos que nos levam a pensar o existir nessa camada da educação infantil. O chão se torna uma das possibilidades de se

fazer educação, produzindo potências e agenciando corpos, com as teorias, com as filosofias, com desejos e vontades. O chão, como um produtor de encontros, passa a ser o lugar onde as infâncias se materializam como condicionantes de existir, assim como nos apresenta Kohan (2015), quando diz:

A infância, devemos dizê-lo claramente desde o início, é um mistério, um enigma, uma pergunta. Não me refiro, claro está, apenas a uma etapa cronológica da vida humana, mas antes que qualquer outra coisa, a essa condição que nos habita – às vezes de forma mais perceptível, às vezes quase imperceptível – desde que habitamos o mundo. Essa condição que, também devemos dizê-lo desde o começo, não nos abandona, mesmo na forma do silêncio ou de uma presença imperceptível, até que abandonamos o mundo. (Kohan, 2015, p. 217)

A possibilidade de (des)etapizarmos a infância, nos possibilita pensar que o chão da escola é esse lugar do encontro entre muitos corpos: corpos infantis, corpos adultos, corpos-câmera, corpos sem órgãos, corpos-brinquedos, corpos-livros corpos-cadeiras, corpos-mesas... corpos que se materializam e se transformam em (forma de) intensidades, forças e potências. Tirando um pouco da perspectiva de um tempo cronológico para a infância e apresentarmos tempos outros, como *Kairós* e *Aíon*.

A ideia de imanência nos é apresentada na obra *O que é filosofia?*, escrita por Deleuze e Guattari (1992), onde os autores passam a pensar que é no plano de imanência onde os conceitos se criam, produzindo um corte no caos anterior ao plano. O caos que tratamos aqui não é um estado de desordem, de desorganização, mas sim um espaço onde os processos criativos produzem infinitas possibilidades. Esses conceitos se territorializam nos acontecimentos que se apresentam nas possibilidades desse plano e se apropriam da experiência daqueles que passam a se enraizar nesse espaço. O “chão da escola” me leva a pensar nesse caos e nesse plano de imanência. Na educação infantil, o chão se constitui como plano de imanência e como caos, pois é nesse chão onde as crianças se apropriam de suas potências, se afetando a partir do contato, das conexões e da territorialização dos seus desejos em forma de experiência. E é nesse contexto que podemos pensar em um plano onde os conceitos são criados, pois o plano nos remete a uma força criadora, a uma possibilidade criativa, a construção de um filósofo criador que não é a professora ou o professor que está produzindo mecanismos de controle através do planejamento ou justificando suas práticas

através da documentação pedagógica que dá acesso às famílias, mas a ideia de um filósofo criador deveria ser pensado através das produções realizadas pelas crianças, condicionadas por suas infâncias, que ao se depararem com toda uma estrutura física das creches e pré-escolas, e de modelos educacionais que constroem possibilidades de existir em meio às violências que dali se manifestam.

Refletindo sobre as questões de violências, de estruturas pré-estabelecidas e da possibilidade de pensarmos o chão como um plano de imanência produtor de conceitos e potências, utilizamos da ideia de uma educação menor, apresentada por Silvio Gallo (2017) no livro *Deleuze e Educação*, onde ele nos diz que a educação é “um ato de revolta e resistência”, “um ato de singularização de militância” e essas ideias nos possibilitam enxergar o chão como esse lugar de embate entre as infâncias e as ideias adultas.

O termo educação menor é criado a partir da leitura feita por Gallo da obra de Gilles Deleuze e Félix Guattari *Kafka - Por uma literatura menor* onde os autores buscam explicar a obra de Kafka a partir da ideia de literatura menor. Essa ideia menor é aquela que transgride a “normalidade” e se oferece como uma possibilidade que não se adequa a uma regra. Para Deleuze e Guattari (2025), a obra de Kafka é menor, pois transgride a lógica imposta ao autor que não escreve em sua língua materna, mas sim na língua que tenta assassinar o seu povo, visto que Kafka era judeu e tcheco. A menoridade, nessa questão, não é algo que tem juízo de valor na dicotomia entre bom e ruim, entre certo ou errado, mas sim na lógica transgressora que apresenta a uma lógica, que os autores chamam de maior.

A educação menor se embasa nessa construção. A menoridade da educação parte de uma transgressão, ou de um rompimento, da educação com a maioridade. Podemos observar essa lógica nas reflexões que temos tentado construir ao longo deste artigo, onde o “chão da escola” se desterritorializa (Deleuze; Guattari, 1997) do seu lugar comum e passa a ser um espaço imanente de produção não só de conceitos, mas de potências e subjetividades. A construção desse chão, nos permite pensar em uma desestratificação da educação infantil. Esses acontecimentos são gerados a partir do encontro entre a infância, que condiciona as crianças, e a adultez, que condiciona adultos e adultas. Esse

encontro produz uma política de afetos que são parte fundamental da relação existente em creches e pré-escolas.

Segundo Deleuze (2002), os afetos não dizem respeito a emoções pessoais ou estados psicológicos, mas às mudanças que resultam dos encontros entre corpos. Pensar na possibilidade “do que pode um corpo?” (Leite; Oliveira, 2019, p. 154) é a pergunta fundamental para olharmos para os afetos, pois um corpo se define menos por sua forma do que pelas forças que o atravessam e pelas relações que ele é capaz de compor.

O afeto, nos apresenta uma “passagem de uma potência de agir menor para uma maior (ou o inverso)” (Deleuze, 2009, p. 144), nos prendendo em pensamentos sobre como as crianças operam com suas infâncias a partir das possibilidades apresentadas pelo chão da educação infantil. Há aqui uma variação de intensidades que são produzidas pelos corpos das crianças em relação ao chão e na forma como as forças integram as vivências realizadas neste espaço. O encontro entre corpos, o chão, as infâncias e a educação produz embates entre as diferentes composições e modos de operar com cada conceito, permitindo uma produção de diversos afetos que variam entre sensações alegres, tristes, raivosas e outras. Deleuze (2002), quando tratando dos afetos, nos ajuda a pensar que os afetos são devires, não sentimentos; eles atravessam os corpos, produzindo novas possibilidades de existência.

Em *Mil Platôs*, Deleuze e Guattari (1996) expandem essa concepção, compreendendo os afetos como forças coletivas e impessoais, que se movem entre corpos e produzem modos de vida. O afeto é, assim, “a passagem de uma intensidade de um corpo para outro, que ultrapassa a forma pessoal e cria um estado de variação pura” (Deleuze; Guattari, 1996, p. 190). Essa representação dos afetos como forças coletivas, se apresentam no chão das creches e pré-escolas através das experiências vivenciadas pelas crianças, condicionadas por suas infâncias e proporcionadas pela adulta ou adulto que é parte integrante dessa coletividade. Porém, não podemos pensar, como adultas e adultos, e apenas nos colocar como proporcionadores de vivências, mas sim participarmos ativamente delas, assim como permitir que as crianças sejam parte criadora e construtiva

desses projetos. Os afetos partem de todas e todos aqueles que compõem esse chão e tentam romper com aquilo que se constrói a partir dali.

Suely Rolnik (2006), no livro *Cartografia sentimental*, nos traz que o afeto é “a vibração das forças do mundo no corpo”, nos permitindo pensar que há algo que nos desorganiza e reorganiza as forças que são parte dos corpos, e essa desorganização acaba produzindo deslocamentos subjetivos e coletivos. Nesse sentido, explorar a educação a partir dos afetos que se produzem no chão é tentar compreender como essas forças se constituem como um campo de intensidades e de identidades, onde as forças atravessam os corpos e embaralham tudo o que é compositivo desse corpo.

Os afetos que emergem desse chão da educação infantil possibilitam mudanças e transformações nas ações e nos modos de relação que existem no campo das experimentações e das vivências das creches e pré-escolas. Esses afetos reconfiguram, remodelam, reordenam aqueles vínculos pré fixados na relação entre crianças, adultas e adultos, tempos, espaços e tudo aquilo que constitui o cotidiano escolar. Pensar os afetos é reconhecer que essa potência de variação se dá nos encontros que possibilitam brechas para o novo.

Esse chão produz conflitos, encontro de forças, uma dicotomia entre infância e adultez e é nesse embate que as multiplicidades se constituem como experiências. Os afetos que se produzem nas relações cotidianas configuram uma política dos afetos, em que cada corpo, ao ser afetado, também afeta e transforma o ambiente. A educação, nesse sentido, pode ser compreendida como um campo de conexões afetivas, no qual aprender e conviver são movimentos atravessados por intensidades que criam e desfazem modos de viver juntos. A forma como as crianças brincam com os conceitos através do encontro com esse chão nos ajuda a pensar em outros modelos fora daqueles institucionalizados de pensar a educação infantil, bem como a efetivação de experimentos e descobertas que transgridem a norma maior que o adultocentrismo impõem aos corpos dessas crianças. A produção de linhas de fuga, por parte dos coletivos de crianças, se materializa na desconstrução das brincadeiras, na resignificação do espaço e no questionamento do tempo estipulado e organizado que rege a educação infantil e a educação como um todo.

Para as crianças, de nada importa uma caixa de bonecas se aquilo não lhe afetar. De nada adianta planejamentos ricos em teorias e tentativas práticas se aquilo não se conectar às crianças e aos bebês. Um projeto não se constitui a partir do adulto, mas sim daquilo que a inventividade das crianças e bebês nos possibilita. Tudo parte, ou deveria partir, dessas linhas de fuga produzidas por aqueles corpos dotados de infância.

devir-chão

Para Deleuze e Guattari, o devir é o ponto de partida, é o início de algo que não se sabe como terminará, ele opera como um processo desterritorializante daquilo que está pré-definido. O devir é um movimento que se apresenta como força, como potência para aqueles conceitos, ideias e grupo de pessoas marginalizadas, compreendendo suas potências e transformando suas singularidades em conexão com todas e todos. Um vir-a-ser que se transforma em novas possibilidades.

Pensar nesse devir em conjunto com a ideia de chão que temos trabalhado ao longo deste trabalho, nos ajuda a pensar o chão não apenas como estrutura física, como solo, mas também como um plano, onde conceitos são criados, onde afetos são construídos, onde as experiências se infantilizam e onde as crianças podem viver sem que sejam coordenadas por algo ou alguém. O chão, e o devir-chão, produzem uma quebra na intervenção adulta sobre as crianças e as infâncias na educação infantil. O devir é produtor de desequilíbrios, descompensando as forças que emergem dos encontros e permeia a construção de uma ideia de sujeito, colocando em cheque a balança estrutural da sociedade e da educação.

Nesse contexto, o devir-chão se cria a partir dos encontros produzidos na educação infantil, aproveitando-se dos diversos acontecimentos realizados pelas crianças, que se coletiviza, possibilitando que crianças, bebês e adultos interajam de forma a compor um campo de experiências. Esse campo constitui-se das forças que emanam dos seus desejos.

Pesquisar este chão é pesquisar com crianças, com infâncias, com devires, com corpos, com espaços, com tempos, com encontros, com buracos, com linhas,

com cantos, com vértices, com histórias, com brinquedos, com brincadeiras, com poeira, com terra, com sujeira e tantas outras coisas que permeiam o que chamamos de chão. Nessa toada, Leite nos mostra que:

Pesquisar com crianças é experimentar um outro espaço-tempo, é perder a certeza dos caminhos previstos e seguros, é ir ao des-encontro dos supostos espaços-tempos seguros dos axiomas e dos experimentos, ou, como diz Agambem (2005a), desse projeto que funda a ciência moderna. (LEITE, 2011, p. 125)

E continua:

Os caminhos que as crianças produzem e que produzem a pesquisa e o pesquisar. É de caminhos que falamos quando falamos de pesquisar. Caminhos insistentes, caminhos experiências, caminhos chão, que nos apresentam as crianças por suas imagens. Assim, pesquisar é caminhar, ou ainda, parafraseando o poeta Fernando Pessoa, caminhar é preciso. (LEITE, 2011, p. 125)

Precisamos pensar também no caminhar que é estar em contato com esse chão. Esse caminhar me remete a proposta feita por Jan Masschelein, no texto “Educando o olhar: por uma pedagogia pobre”, onde o autor apresenta uma possibilidade de olhar para a experiência através de uma re-educação do olhar para as questões que envolvem a educação, que envolvem infância e que englobam o cotidiano escolar.

Uma re-educação do olhar é transitar entre os conceitos de *e-ducare*, que é o lugar do ensino/aprendizagem, para o *e-ducere*, um movimento que nos conduz para fora. Nesse trânsito entre os conceitos, Masschelein (2008) quer que modifiquemos a forma como enxergamos a educação, nos fazendo questionar os modelos pré-estabelecidos de educação para novas possibilidades, para formas outras de pensarmos a educação e caminharmos de mãos dadas com as experiências e vivências que os espaços educacionais proporcionam. Trago essa relação para a discussão, pois temos tentado, através da ideia de devir-chão e de um olhar outro para o chão, ressignificar aquilo que é feito nas escolas de educação infantil.

Quando pensamos nas duas perspectivas apresentadas por Masschelein (2008), *e-ducare* e *e-ducere*, podemos pensar em algumas possibilidades para o chão. *E-ducare* é um movimento que tenta ensinar algo para quem precisa ser preenchido pelo conteúdo. Nessa perspectiva, observamos que a educação entende a criança como algo vazio, que precisa de complemento para existir e se tornar sujeito na

sociedade e o chão, a partir desse olhar, se torna um ambiente em que adultas e adultos usam suas forças para produzir controle. Já quando pensamos em *e-ducere*, tentamos, através das potências das crianças e do próprio chão, conduzir a educação para fora, para um lugar outro, onde a vivência, em conjunto daqueles e daquelas que ali se fazem infantes, possibilita a produção de diversas formas de conhecimento, visto que a experiência, os afetos, os corpos tocam diversos espaços, como se todos os encontros fossem agenciamentos educativos.

O chão como *e-ducere* nos proporciona participar ativamente da produção dos conhecimentos, não apenas como condutores, mas como agentes coletivos dos acontecimentos que enraízam os encontros proporcionados nesse chão. O chão como *e-ducere* é um ponto de encontro do corpo das crianças, das lógicas e concepções adultas, das vivências e experiências das professoras, dos professores, das crianças e de todas e todos que se aproximam desse espaço. Esse chão se comporta como plano de imanência, construindo novos conceitos e se aproveitando dos devires ali produzidos, trazendo para si a responsabilidade dos acontecimentos que não param de começar e nunca terminam (Deleuze, 1992, p. 14).

A educação infantil se apropria desse devir-chão para se constituir de potências e promover diversos acontecimentos, independente do direcionamento ou da intencionalidade pedagógica que é proposta pela adulta ou adulto ali presente. A infância, a partir do devir-chão, fissa com as lógicas massificantes da educação e revoluciona os momentos no tempo em que se está apropriando desse espaço. O espaço do chão, como já dito, é o território das infâncias e é ali que elas vão construir as suas individualidades em comunhão com os coletivos que se formam a partir dos encontros e dos afetos que são produzidos no âmbito das creches e pré-escolas.

E a desestruturação desse espaço chão pelas crianças é o que movimenta o ser docente, ou pelos menos deveria movimentar, visto que o adulto só constrói um planejamento infantil quando pelo devir-chão, pelo devir-criança, pelo devir-infância que reconfiguram o tempo e desorganizam toda a formação daquele indivíduo, potencializando e ampliando a sua forma de olhar para aquilo que está posto.

tentativa conclusiva

O que pode o chão? Como a conexão entre o chão e as infâncias e as crianças de educação infantil pode promover um (des)encontro entre os conceitos postos pela sociedade adulta e a criação de novos conceitos a partir das experiências vivenciadas no contexto da educação infantil?

Pensar propostas educativas e educacionais a partir do chão é um movimento complexo que envolve não só noções teóricas e experiências vividas, mas passa por um movimento de destituir as formas de poder exercidas pela sociedade adulta e por um modelo educacional neoliberal imposto por uma educação de massas que coloniza os espaços das infâncias, se apossando das suas constituições e dos seus conceitos, produzindo modelações, embrutecimento e apagamentos das forças que as infâncias produzem nas suas existências.

No contexto educacional que vivemos, caracterizado pela composição de forças hierárquicas, onde a professora e o professor tem o poder de ditar o ritmo do jogo educacional, as infâncias resistem e produzem forças revolucionárias que visam questionar os modelos impostos a elas, através das composições que elas constroem no seu plano de imanência que é o chão, tanto que adultas e adultos que vivenciam os espaços escolares se afastam desse lugar do chão. Esse afastamento não acontece só de forma natural, por conta da altura, mas as forças revolucionárias das infâncias, produzidas pelas crianças, criam um embate de afetos nesse espaço, produzindo forças de repulsão como se dizendo “esse lugar não pertence a você, adulto, você precisa se reconectar com a sua infância para adentrar esse espaço”. O pertencimento adulto ao chão descaracteriza a sua potência como plano, transformando-o apenas em um conceito explicado em um dicionário, um jeito bem adulto de caracterizar algo.

Esse pensamento de repulsão me remeteu a passagem em que Manoel de Barros (2015) escreve:

O rio que fazia uma volta atrás de nossa casa era a imagem de um vidro mole que fazia uma volta atrás de casa. Passou um homem depois e disse: Essa volta que o rio faz por trás de sua casa se chama enseada. Não era mais a imagem de uma cobra de vidro que fazia uma volta atrás de casa. Era uma enseada. Acho que o nome empobreceu a imagem. (Barros, 2015, p. 85)

Adultos e adultas tendem a querer impor suas vontades, seus conceitos e suas formas de olhar para o mundo das crianças e das infâncias e isso tende a fazer com que essas crianças se rebelem com essa forma constituída, produzindo uma força contrária, de negação, adentrando as rachaduras que se formam e explorando novas possibilidades de se enxergar o mundo.

O movimento que tentamos produzir aqui não é o de criar um modelo, mas sim de tensionar as formas existentes, repensando o lugar do chão para a educação infantil e tentando construir reflexões sobre e para as infâncias. Talvez seja mais uma tentativa de colonizar, mas, ao mesmo tempo, creio que podemos nos constituir de nossas infâncias, resgatando-a a partir do contato com esse chão e de como o devir-chão pode nos proporcionar vivências que rompam com nossa adultez e fortaleçam as conexões que produzimos enquanto crianças infantis.

referências

- BARROS, Manoel de. *Gramática expositiva do chão*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2022.
- BARROS, Manoel de. *Meu quintal é maior do que o mundo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015
- BARROS, Manoel de. *O Livro das Ignorâncias*. Rio de Janeiro: Record, 1993.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2011
- DELEUZE, Gilles. *Espinosa: filosofia prática*. São Paulo: Escuta, 2002.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*. Volume 3. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34, 1996.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*. Volume 4. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 1997a.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*. Volume 5. Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Editora 34, 1997b.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é filosofia?* Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 1992.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- OLIVEIRA, Guilherme Rodrigues de; LEITE, César; SILVA, Tarcio Gustavo da. *Ensaio reflexivo em torno da 'Educação de Massas' e das homogeneizações da vida*. Revista Interinstitucional Artes de Educar, [S. l.], v. 11, n. Número Especial, p. 105-124, 2025. DOI: 10.12957/riae.2025.93711. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/riae/article/view/93711>. Acesso em: 18 nov. 2025.
- KOHAN, Walter Omar. *Visões de filosofia: infância*. ALEA, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 216-226, jul.-dez. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1517-106X/172-216>.
- LEITE, César Donizetti Pereira. *Infância, experiência e tempo*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. (Coleção PROPG Digital - UNESP). ISBN 9788579831959.
- LEITE, C. D. P.; OLIVEIRA, L. P. de. *Pesquisa-experiência: relatos, corpos e acontecimentos*. Revista Digital do LAV, [S. l.], v. 12, n. 3, p. 153-171, 2019. DOI:

10.5902/1983734840617. Disponível em:
<https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/40617>. Acesso em: 30 nov. 2025.
RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. Tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: Ed. 34, 2005
RANCIÈRE, Jacques. *O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual*. Tradução de Lílían do Valle. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2006.

guilherme rodrigues de oliveira

Guilherme Rodrigues de Oliveira é professor de educação infantil no município de Piracicaba/SP, pedagogo formado na UNESP, mestrando em educação pelo PPGE na UNESP, pesquisador das infâncias, questionador dos tempos, experienciador de vivências.

como citar este artigo:

ABNT: OLIVEIRA, Guilherme Rodrigues de. O “chão da escola”: o devir-chão como imanência das infâncias. *childhood & philosophy*, Rio de Janeiro, v. 22, p. 1-17, 2026. Disponível em: _____ Acesso em: _____

APA: Oliveira, G. R. de. (2026). O “chão da escola”: O devir-chão como imanência das infâncias. *childhood & philosophy*, 22, 1-17.

créditos

-
- **Revisão gramatical e ortográfica:** Gabriela Lafetá
 - **Financiamento:** Não aplicável.
 - **Conflitos de interesse:** Os autores certificam que não têm interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito.
 - **Aprovação ética:** Não aplicável.
 - **Disponibilidade de dados e material:** Não aplicável.
 - **Contribuição dos autores:** Conceitualização, Investigação, Escrita: rascunho original, Escrita: revisão e edição: OLIVEIRA, G.
 - **Imagem:** Não aplicável.
 - **Preprint:** Não houve publicação de *preprint*.
-

artigo submetido ao sistema de similaridade **Plagius**

submetido em: 30.11.2025

aprovado em: 29.04.2026

publicação: 31.07.2026

parecerista 1: fernanda omelczuk walter

parecerista 2: anônimo